

Suplemento Cultural

A inusitada morte dos imortais



DIVULGAÇÃO

APOLLO E AS 9 MUSAS FILHAS DE MNEMOSINE COM ZEUS

JOSÉ PEDRO FRAZÃO – membro e secretário da ASL

Certa vez, a incansável deusa Fama alardeava que os imortais da arte literária estavam morrendo muito ligeiramente. Tal notícia levou as musas do Parnaso a investigar as academias de letras, para ver de perto o terrível mal que estaria causando o precoce desaparecimento dos artistas da palavra. Encantadas pela harmoniosa lira de Apolo elas se reuniram no Mouseion, onde planejaram a viagem, e, com a permissão do Olimpo, desfilaram atentas e elegantemente pelos platônicos e universais meandros da literatura, levando consigo o inconfundível afã de desvendar o mistério e salvar os beletristas.

Contudo, a despeito do sinistro anunciado pela Fama, as divindades também desejavam encontrar seus remanescentes pupilos no pleno gozo da inspiração criativa e na elevada honra moral que se propõem a distingui-los dos demais mortais, para que, assim, elas pudessem perpetuar a glória dos artistas dignos de beber na fonte das letras eternas. Também era desejo delas que os laureados com a honorífica imortalidade mantivessem o sagrado compromisso de reunir-se periodicamente para justificar e conferenciar os conhecimentos tratados em cada templo, conforme a tradição iniciada no Jardim de Academos.

A visita divina não se demorou. As musas retornaram tristes porque os templos literários visitados estavam quase todos vazios, semiabandonados e sofrendo com ausências seculares de desinteressados integrantes. Não

“

Ó divinas musas! Não sejais como esses voláteis escritores! Mantende-vos sempre unidas. Procurai não sofrer do mal da ingratidão e da ausência desdenhosa que acomete os templos literários”

constaram nos relatórios das inspiradoras damas muitas notícias que alegrassem o Panteão, bem como qualquer anotação sobre acometimentos fatais patológicos. O desaparecimento dos imortais, em sua maioria, não era fruto da morte física, mas de uma endêmica eclipse de responsabilidade, mais conhecida pelo termo genérico de quebra de juramento e abandono de compromisso.

Os sodalícios estavam solitários, com muitas cadeiras fantasmas, porque a síndrome da omissão e do esquecimento, tão combatida pela deusa Mnemosine (mãe das musas e guardiã da memória), acometera muitos acadêmicos e acadêmicas, que, talvez transtornados pela glorificação, viviam arredios e apáticos longe das reuniões e solenidades das academias,

como se nunca lhes tivessem pertencido.

Ador das musas não era causada pelas ausências dos discípulos de Platão e Homero que, por motivo de enfermidade ou viagens, compareciam aos templos apenas esporadicamente. A decepção maior e que lhes doía no oceano da alma como o furor do tridente de Poseidon, era a evasão dolosa dos que abandonavam completamente seus assentos literários, como se tivessem, de fato, morrido. Sobre esse sumiço mortal as musas consultaram Tânatos (o deus grego da morte não violenta), que lhes assegurou que a pior das mortes não é a física, mas a do esquecimento, do silêncio, da ausência, do desprezo, do abandono, da indiferença.

Após essa desventurada operação acadêmica, Apolo orientou as musas para que ressuscitassem e perdoassem os seus faltosos pupilos, porém aprendessem a dolorida lição do abandono e da infidelidade, tomando como exemplo o sumiço inexplicável dos laureados imortais que desapareciam no abismo do esquecimento. E ao concluir que muitos desses, na verdade, não amavam o templo, mas apenas o galardão acadêmico, que ostentavam à distância, proferiu esta breve e helênica homilia:

– Ó divinas musas! Não sejais como esses voláteis escritores! Mantende-vos sempre unidas. Procurai não sofrer do mal da ingratidão e da ausência desdenhosa que acomete os templos literários. Também – por outro lado – não conduzaís ao altar da deusa Atena os insensíveis, egoístas, desonestos e toda-laia de abomináveis, porque esses usufruem das honrarias dos tabernáculos, mas os envergonham e desprezam seus jardins e as causas coletivas da aliança. E quando receberdes da deusa Juno as bênçãos do matrimônio, escolhei um marido que se digne a viver sempre presente ao vosso lado e que nunca vos abandone. Quanto aos poetas e artistas que se desagregam do sodalício e desaparecem feito mortos vivos, cuidai doravante para que somente se entreguem ao sono derradeiro no seu devido tempo e no honroso exercício da lida poética, guardando o templo da arte e da ciência vernacular, pois, somente assim, serão verdadeiramente imortalizados nos Campos Elíseos e na memória do mundo.

POESIAS

MINHA DOR SUPREMA

Quem diria que tanto podem, tanto Logram viver na dor seres humanos!...
Três dias a mim eram três mil anos...
E eis que há três meses longe, a dor suplanto!

Três meses de saudade e desenganos...
Quanto sofri em desespero, quanto!
Três meses que em suspiros me aquebranto,
Sufocando em meu peito os ais insanos!

Três meses a amargar desesperanças
Das esperanças por que, em vão, lutei...
Três meses a moer noventa ansias!

Vão-se noventa dias que penei:
Nas noventa manhãs – com esperanças;
Crepúsculos – noventa em que chorei!...

GERALDO RAMON PEREIRA

AMANHÃS

todos os dias
ressuscito à meia-noite
um dia não haverá amanhã
nunca se sabe
amanhã pode não haver amanhã
portanto
sempre ressuscito
nasço novamente a cada meia-noite
amanhãs são
caudalosos frios quentes amorosos
simplesmente amanhã
ou apenas novos dias
posso estar dormindo
mas ressuscito
em meio ao sono
sem mover um músculo
apenas acontece
em meio a isso
nos dias e nos amanhã
sigo pelas ruas
assistindo a tudo
como em frente a um filme
personagens e fatos
não me obedecem
assisto às cenas e gostaria de
modificar movimentos
com simples lances de xadrez
reis e rainhas me ignoram
bispos e cavalos também
torres idem
peões mais ainda
nos amanhã em que ressuscito
não sei se trago algo de novo
são mesmas dúvidas
dores desejos coragem medo
travo com as trevas um pacto de dúvida
acendo um fósforo e nada clareia
em pleno dia
carrego traços noturnos
e vice-versa
através das horas em grande confusão
barafundésimo cataclismo
mesmo com o possível amanhã
tudo se resolve no hoje
o amanhã é o outro hoje
nos entremeios
o mundo não para de girar
gente para cá e lá
angústias obsessões compulsões
individualidades plurais desiguais
o amanhã às vezes me cansa

HENRIQUE DE MEDEIROS

NOTÍCIAS DA ACADEMIA

RECÉM-ELEITO, O POETA EMMANUEL MARINHO TOMARÁ POSSE NA ACADEMIA SUL-MATO-GROSSENSE DE LETRAS – De acordo com o calendário estabelecido pela Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, será na próxima noite de 27/10 (terça-feira), às 20h, no Teatro Municipal de Dourados (Av. Presidente Vargas s/n), a posse solene do novo acadêmico Emmanuel Marinho (recentemente eleito para a Academia). A Diretoria da ASL estará presente em Dourados/MS para a Sessão Magna especial. O novo imortal, que – conforme rito próprio – será saudado na ocasião pelo acadêmico Henrique de Medeiros, assumirá a Cadeira nº 33 da ASL, que possui como patrono o saudoso escritor Ovídeo Correia, e que teve Flora Thomé como antecessora. Residente em Dourados, Emmanuel Marinho é formado em Psicologia e Artes Cênicas. É poeta, ator, diretor, educador e promotor cultural. É autor de sete livros publicados: “Caixa das Delícias” (2003), “Caixa de Poemas” (1997), “Satírico” (1995), “Margem de Papel” (1994), “Jardim das Violetras” (1983), “Cantos da Terra” (1982), e “Ópera 3” (1980).

O espelho nosso de cada dia

AMÉRICO CALHEIROS

Torturada pelo medo da velhice e, por que não dizer, da feiúra e da decrepitude, a rainha madrasta diariamente interpelava o pobre espelho-mágico acoitado, diuturnamente, pelas apavoradas interrogações da rainha.

Essa cruel indagação, seguida da temível resposta, atravessou a roda do tempo, suplantou o imaginário e caiu, como a mão na luva, no cotidiano de tantos humanos atropelados pela inexorável marcha dos anos rumo à velhice.

Uma grande amiga minha um dia me disse: A pessoa que passar a vida, olhando-se no espelho, está fadada à loucura. Claro que foi uma afirmação drástica e ácida. Entretanto, como os espelhos não são mágicos e estão em todos os cantos, mostrando todos os ângulos, e como não mentem jamais, revelam sempre aquilo que a maior parte das pessoas não quer ver: a decomposição gradativa da juventude, do frescor, da beleza e, muitas vezes, junto com tudo isso, do brilho do viver.

A poetisa Cecília Meireles sabiamente diz em versos do seu poema Retrato “Eu não dei por esta mudança, tão simples, tão certa, tão fácil: - Em que espelho ficou perdida a minha face?”, numa construção pungente e doída das marcas que a idade traz e com elas o vazio das perspectivas.

Realmente, quem passa a vida inteira atento apenas aos reflexos que pairam nas superfícies dos espelhos, às aparências, ao externo, e utiliza-se disso como recurso mais importante para conquistar o sucesso, seduzir amigos e amantes e se fazer aceito, depara-se, ao final desse percurso chamado vida, com um espelho que reflete um retrato em frangalhos.

Particularmente acredito, por outro lado, que o espelho foi feito para ser olhado e não para ser adorado o que

nele se reflete, como Narciso que se apaixonou por si mesmo. Assim sendo, ele pode representar, quando visto com parcimônia, um permanente alerta para os cuidados que a pessoa deve dedicar ao seu eu físico e ao seu interior.

A longevidade está na ordem do dia e, com a ampliação da expectativa de vida, a cada década, no Brasil e no mundo, o espelho pode ser importante aliado no cuidado básico que cada um deve dedicar à sua saúde. Esta aliança indissociável, aparência x saúde, não pode mais ser desprezada.

É também inevitável analisar aqueles que evitam o espelho, correndo dele como o diabo foge da cruz, quase que numa definitiva negação da própria imagem, do próprio ser, ou seja, aqueles que evitam enxergar-se por medo do que possam ver.

É importante, bom e inevitável analisar aqueles que evitam o espelho. Não para aprisionar-se a ele e sim para libertar-se diariamente dos fantasmas que um futuro mal resolvido possa trazer. Envelhecer sim, entregar os pontos, jamais. E isto o espelho da realidade em muito pode nos ajudar.

O espelho, essa mágica superfície da verdade, pode contribuir, e muito, com quem quiser vir a ser não o próprio espelho, mas servir-se do espelho, no sentido de ser exemplo para tantos quantos nele venham a se inspirar.

Nem a rainha madrasta com sua compulsão de beleza, nem a poetisa com sua amarga visão, nem Narciso com sua egoísta paixão são brilhos interessantes a serem emanados desses tantos espelhos, presentes em tantos lugares e etapas da nossa vida.

Mas espelho em que deixamos brilhar a verdade dos nossos sentimentos, dos nossos dias, das nossas rugas e das nossas vitórias, desse não devemos abrir mão nunca e nem podemos, porque ele não reluz de fora para dentro; ele está no íntimo de cada um de nós. Espelho, espelho meu, existe alguém mais feliz do que eu?

EDSON SOARES

O ZAGUEIRÃO DA ÉPOCA DE OURO DO OPERÁRIO F. C.

REGINALDO ALVES DE ARAÚJO

Na romântica Rio Grande, uma das mais floridas cidades do belíssimo Estado do Rio Grande do Sul, nasceu Edson dos Santos Soares, no dia 12 de julho de 1954.

A instituição de ensino na qual aprendeu a ler e a escrever chama-se Escola Frederico Ernesto Bucos do Rio Grande.

Cursou o ginásio no Senai do Rio Grande e o 2º grau fez na escola Estadual de Porto Alegre.

A infância de Edson foi uma das mais divertidas. Morando no bairro do Parque, onde existia um campinho frontal ao colégio, juntava-se aos meninos da cidade, após as aulas, impreterivelmente, jogava pelada até o sol se esconder no fundo do horizonte. Aos 14 anos vestiu a camisa do Avenida E. C. de Rio Grande, seu primeiro time, equipe amadora e, em decorrência de seu belo futebol, o Sr. Bernardo Solero, olheiro, o levou para fazer teste no Grêmio de Porto Alegre; como o clube não estava disponível, Edson terminou fazendo teste no Internacional de Porto Alegre, sendo aprovado.

Em 1970, 16 anos, Edson mostrava qualidades como zagueiro, jogando nos juniores do Colorado ao lado dos futuros craques Falcão, Caçapava e Batista. Em 1975, titular do Inter, sagrou-se campeão gaúcho de futebol e, no ano de 1977, para a sua alegria, foi comprado pelo Operário F. C. de Campo Grande (MS), cujo treinador era o renomado Carlos Castilho. Naquele ano de 1977, o Operário transformou-se num

esquadrão quase imbatível, conquistando, com mérito, o título de Campeão Mato-Grossense de futebol, e, para espanto geral, conquistou o cobiçado terceiro lugar no disputado Campeonato Brasileiro de Futebol. Só não disputou o título porque, segundo afirmam os comentaristas da época, foi “garfado” pelo árbitro, na partida contra o São Paulo.

Jogando pelo Operário F. C., abocanhou o título de bicampeão, em 1978 e tricampeão em 1979.

Em 1980, apaixonado, casou-se com a campo-grandense Mariana, que lhe presenteou com os filhos Talita e Kassius.

Casado, assinou contrato com o E. C. Bahia, o Esquadrão de Aço. No time baiano, Edson se sagrou tetracampeão baiano de futebol. No ano de 1984, transferiu-se para o Leão de Salvador (BA), em 1986, foi campeão pelo Sergipe F.C. de Aracaju. O zagueirão Edson, apaixonado também por Campo Grande, voltou a jogar no Operário F.C., cognominado também de “O Galo da Bandeirantes”, saindo, como sempre, campeão sul-mato-grossense de futebol, na temporada de 1988, tendo como técnico o competente Sílvio Elite.

No ano de 1989, feliz da vida, despede-se do futebol como jogador, atuando pelo Operário F. C., numa partida que foi aplaudido pela fiel torcida do Galo.

Atualmente, Edson dirige a Escolinha de Futebol Edson Soares, que ele mesmo fundou, já com resultados surpreendentes, aqui na cidade de Campo Grande, a bela Capital do Mato Grosso do Sul.